

# NOMENCLATURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS PLANOS DE AÇÃO DA CPLP: PORTUGUÊS LÍNGUA O QUÊ?

Jefferson Evaristo

**Resumo:** Os variados processos de internacionalização das línguas são realidades cada vez mais presentes no mundo globalizado. No caso do Brasil, remontam já há décadas iniciativas como a dos leitorados, centros culturais brasileiros e núcleos de estudos brasileiros; cada qual, a seu modo, coopera para promover essa internacionalização de nossa língua. Porém, também a CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, delibera sobre questões relacionadas à promoção da língua portuguesa no mundo, sendo um importante órgão pelo fato de, supranacional, congrega os países nos quais o português é língua materna, nacional ou oficial. Nesse sentido, em quatro ocasiões, a CPLP editou seu “Plano de Ação para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa”. Em nosso texto, abordaremos as nomenclaturas e concepções de língua assumidas por esses quatro documentos, discutindo como elas impactam no cenário de internacionalização. Nossos resultados mostram que há certo espraiamento de concepções que, em última instância, podem significar uma incompreensão da língua em si mesma e de seu papel.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Língua Portuguesa. CPLP. Planos de Ação. Nomenclatura.

**Abstract:** The various processes of language internationalization are realities that are increasingly present in the globalized world. In the case of Brazil, initiatives such as lecturers, Brazilian Cultural Centers and Centers of Brazilian Studies have been going on for decades; each one, in its own way, cooperates to promote this internationalization of our language. However, the CPLP, the Community of Portuguese Language Countries, also deliberates on issues related to the promotion of the Portuguese language in the world, being an important body due to the fact that, supranational, it brings together countries in which Portuguese is the mother tongue, national or official. In this sense, on four occasions, the CPLP edited its “Action Plan for the Promotion, Dissemination and Projection of the Portuguese Language”. In our

text, we will address the nomenclatures and language concepts assumed by these four documents, discussing how they impact the internationalization scenario. Our results show that there is a certain spread of conceptions that, ultimately, can mean a misunderstanding of language itself and its role.

**Keywords:** Internationalization. Portuguese language. CPLP. Action plans. Nomenclature.

## Introdução

Tem se tornado comum no meio acadêmico a discussão acerca da internacionalização das línguas como uma necessidade/resposta do mundo globalizado. No âmbito brasileiro, há diversas iniciativas governamentais nesse sentido que poderiam ser citadas, como os já tradicionais leitorados, centros culturais brasileiros e núcleos de estudos brasileiros, todos sob a responsabilidade da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa<sup>1</sup>, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. De fato, no âmbito brasileiro, há já certa trajetória nesse sentido, como nos mostram as pesquisas de Diniz (2020; 2015; 2012).

Sucedem, porém, que não apenas as iniciativas brasileiras cooperam para a promoção da língua portuguesa. Como entidade supranacional que, em tese, congrega toda a lusofonia<sup>2</sup>, há ainda a CPLP, a Comunidade dos Países de

1 Disponível em: <http://redebrasilcultural.itamaraty.gov.br/>. Acesso em: 27 out. 2021.

2 A discussão é longa acerca da validade da ideia de lusofonia e de quem deveria fazer parte dela. Como não é nosso objetivo discutir a questão, remetemos os leitores aos textos de Brito (2013) e Bagno (2017).

Língua Portuguesa<sup>3</sup>. Cabe também a ela, como unidade agregadora, dispor sobre as iniciativas de promoção da língua portuguesa no mundo (SILVA, 2013).

Nesse sentido, dentre outras iniciativas, a CPLP organizou em quatro ocasiões edições sua *Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial* (CILPSM), da qual resultaram quatro documentos conhecidos como Plano de Ação para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa – aqui referenciados como PA. Com suas edições tendo acontecido em Brasília<sup>4</sup> (2010), Lisboa<sup>5</sup> (2013), Díli<sup>6</sup> (2017) e Praia<sup>7</sup> (2021), as CILPSM tentam demonstrar o caráter pluricêntrico e global da língua portuguesa.

Nosso texto, portanto, pretende analisar esses quatro documentos e compreender, a partir deles, quais as formas segundo as quais a língua portuguesa é assumida em suas diferentes facetas. Dessa maneira, importa para nós quais nomenclaturas são atribuídas à língua e por que isso acontece. As análises mostram que há certo espraiamento de concepções que, em última instância, podem significar uma incompreensão da língua em si mesma.

3 Disponível em: <https://www.cplp.org/>. Acesso em: 27 out. 2021.

4 Do que resulta o PAB, o Plano de Ação de Brasília (CPLP, 2010).

5 Do que resulta o PALis, o Plano de Ação de Lisboa (CPLP, 2014).

6 Do que resulta o PADíli, o Plano de Ação de Díli (CPLP, 2017).

7 Do que resulta o PAP, o Plano de Ação da Praia (CPLP, 2021).

Nosso texto, para fins de exposição, está organizado da seguinte maneira: na primeira parte, a introdução, há uma breve apresentação de nossa proposta; na segunda, discorreremos sobre a situação da língua portuguesa no mundo, apresentando alguns de seus números. Na terceira, falaremos sobre os PA em si e suas diferentes nomenclaturas, comparando e confrontando os quatro documentos. Encerra o texto uma parte final dedicada a nossas considerações últimas.

### **O português no mundo: alguns números**

Na introdução deste texto foi feita uma apresentação sucinta do corpus escolhido para esta pesquisa: os Planos de Ação (PA) da CPLP.

Sobre os PA, cabe lembrar que eles servem para a promoção, difusão e projeção da língua portuguesa no âmbito globalizado, buscando ações e planejamentos através dos quais essa língua poderia ter maior relevância nas diferentes sociedades do século XXI<sup>8</sup> – e, com isso, possuir maior poder econômico, cultural, político e simbólico, dentre outros. Pretendem ainda projetar de maneira mais protagonista os

---

8 Ou, como o PADÍLI diz, para ser a língua pluricêntrica do século XXI (CPLP, 2017, p. 4). Perceba-se a construção: não se trata de ser uma das línguas pluricêntricas no século XXI, mas de ser a língua pluricêntrica do século XXI. A nuance, certamente, não é descuidada.

Estados-membros<sup>9</sup> da CPLP, propondo iniciativas sistemáticas para a ampliação do papel dessa língua frente a outras línguas e países.

O fenômeno atual de inter-relação entre os diferentes países e sociedades – e, conseqüentemente, entre as diferentes línguas – recebe ou recebeu diferentes nomenclaturas: globalização, internacionalização, mundialização e transnacionalização<sup>10</sup>, dentre outros; com suas particularidades, um pouco mais, um pouco menos, todas elas traduzem o mesmo cenário de diálogo entre esses países, sociedades e línguas. “Nesse novo ambiente sociocultural, o campo linguístico também foi afetado e hoje se convive com a competição, a cooperação, e a interação entre línguas num contexto/enfoque global” (SILVA, 2011, p. 20). É nesse ambiente sociocultural – e linguístico – específico que os PA surgem. Em verdade, antes do surgimento dos PA, há uma série quase interminável de eventos geopolíticos, econômicos, socioculturais e religiosos, para citar apenas alguns<sup>11</sup>, que antecederam aquilo que, em momento

9 Segundo o site da CPLP, são Estados-membro, no momento, os seguintes: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Disponível em <https://www.cplp.org/id-2597.aspx>. Acesso em: 30 set. 2021.

10 A diferenciação entre os termos, neste momento, é irrelevante; uma possível explicação sobre os termos pode ser vista em Oliveira (2013, p. 431-432).

11 Possíveis exemplos para a discussão podem ser vistos nos textos de Ribeiro (2018; 2016), Meyer (2015), Macário, Sá e Gomes (2015), Oliveira (2013) Silva (2011). Em todos eles, há uma espécie de cronologia e histórico das mudanças por que o Brasil e o mundo passaram até que a língua portuguesa pudesse assumir papel de maior destaque internacional.

posterior, materializou-se como um PA. Ao mesmo tempo em que eles são um ponto de chegada, são, igualmente, um ponto de partida.

A língua portuguesa já ocupa lugar de destaque no mundo, ainda que esse destaque não seja tão expressivo como, por exemplo, o da língua inglesa<sup>12</sup>. Oliveira (2013, p. 411) vai mostrar que “na Internet, o português alcançou recentemente a cifra de 83 milhões de usuários, passando a ser, em 2010, a quinta língua mais usada na rede”. Macário, Sá e Gomes (2015, p. 373) mostram que a língua “atualmente<sup>13</sup> ocupa o sexto lugar entre as línguas mais faladas no mundo”. Diversas matérias jornalísticas indicam o mesmo, acrescentando outros dados relevantes, como o de que a língua portuguesa é a mais falada do hemisfério sul da Terra<sup>14</sup>, é a quarta língua europeia mais falada no mundo<sup>15</sup> e a terceira língua mais falada no ocidente<sup>16</sup>, atrás apenas do inglês e do espanhol. Assim,

[...] o português é uma das seis línguas mais faladas no mundo. É língua oficial em

---

12 Língua que, por uma série de motivos extralinguísticos, atua hoje como a língua franca de comunicação mundial, assim como, em geral, como a língua de maior prestígio.

13 A afirmação, embora possa parecer desatualizada, é confirmada por diferentes pesquisas e levantamentos oficiais, como o destacado a seguir: <https://bit.ly/2KYQaMS>. Acesso em: 25 set. 2021.

14 Disponível em: <https://bit.ly/3bra3lr>. Acesso em: 25 set. /2021.

15 Disponível em: <https://bit.ly/2vifKYH>. Acesso em: 25 set.2021.

16 Disponível em: <https://bit.ly/39mVTpS>. Acesso em: 25 set.202.

oito países, inseridos em múltiplas matrizes geopolíticas e culturais. Esses países têm assumido participação ativa em instâncias internacionais e operações humanitárias e de manutenção da paz. São contribuintes significativos para organismos internacionais. Assim sendo, é natural a expectativa de que a língua portuguesa ocupe o lugar correspondente à sua importância no contexto global. (CPLP, 2010, p. 1)

O quantitativo do número de milhões de falantes dessa língua (e, por consequência, a sua posição no ranking das línguas mais faladas) no mundo varia – principalmente de acordo com a metodologia de análise e mensuração –, indicando algo entre 200 e 270 milhões de falantes. Língua dos BRICS<sup>17</sup>, língua presente em dezenas de organismos internacionais<sup>18</sup>, o português passou a ser também uma língua de valor (OLIVEIRA, 2013). Com isso,

[...] o seu domínio favorece a comunicação entre diferentes utilizadores, com diferentes estatutos, espalhados pelos cinco continentes. O facto de ser falada em países com peso económico (como o Brasil), com potencial económico (como Angola ou Cabo Verde) ou com um papel político no mundo

---

17 “Quando em 2001 o economista britânico Jim O’Neill forjou o termo Brics – Brasil, Rússia, Índia e China – para reunir os países em desenvolvimento que se destacavam pelo rápido desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, pela crescente influência político-económica nos cenários global e regional, o Brasil assumiu um destaque nunca antes desfrutado em sua história” (MEYER, 2015, p. 11-12). Um destaque que, como observa a autora, refletiu na língua portuguesa.

18 Tanto o PAB (CPLP, 2010, p. 1) quanto o PALis (CPLP, 2014, p. 3) afirmam que a língua portuguesa está presente em mais de duas dezenas de organismos multilaterais.

(como Portugal) confere à língua portuguesa um estatuto internacional de relevo. (MACÁRIO; SÁ; GOMES, 2015, p. 373)

Dito de outra forma, é o que afirma Meyer (2015, p. 11): “na última década do século XX e na primeira do século XXI, fatores mundiais de outro teor – de caráter político e econômico, principalmente – intensificam essa procura pela língua portuguesa”; todos esses cenários, de fato, impactam nas políticas linguísticas desta língua. Se Calvet (2007) já antecipava o caráter, por assim dizer, extralinguístico das políticas linguísticas, o cenário descrito corrobora não apenas a posição do linguista francês, mas também, por exemplo, aquelas de Diniz (2020), Bagno (2017), Endruschat e Schmidt-Radefeldt (2015), Silva (2011), Santipolo (2002). Faltaria aos autores, talvez, acrescentar que por vezes as políticas linguísticas surgem não por ação de governos instituídos, mas por uma reação deles aos contextos em que estão inseridos.

### **Os Planos de Ação da CPLP e suas diferentes nomenclaturas**

Com efeito, reafirmamos e retomamos, a preocupação de todos os PA poderia ser expressa já no próprio nome do primeiro deles, o de Brasília: Plano de Ação de Brasília para a Promoção, Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa<sup>19</sup>. Seja

---

19 Grafia original do documento, com maiúsculas iniciando as palavras.

nos sucessivos Plano de Lisboa (PALis), Plano de Díli (PADíli) ou Plano de Praia (PAP) e em que pesem as mudanças de foco ou de estratégias, permaneceu intacta, porém, a perspectiva da preocupação com a promoção, difusão e projeção da língua que um dia foi de Camões e que hoje pertence a tantos outros em tantos países e continentes.

O primeiro dos PA, o PAB, traz as seguintes nomenclaturas para a língua portuguesa:

- a) Português como língua de documentação (CPLP, 2010, p. 1);
- b) Português como língua de trabalho (CPLP, 2010, p. 1; p. 2);
- c) Português como língua estrangeira (CPLP, 2010, p. 4);
- d) Português como língua materna e não materna (CPLP, 2010, p. 5).

É possível já perceber que, de maneira geral, o documento apresenta a língua de maneira ainda atrelada a três dimensões: em primeiro lugar (a; b), ao domínio político-econômico e aos temas levantados pelo próprio documento; em segundo lugar (c), à nomenclatura primeira da área, a mais famosa e difundida; em terceiro lugar, às discussões acerca da “dupla dimensão” do ensino da língua.

Em relação à primeira dimensão, é de se esperar de fato que o documento apresente propostas de uso, especialmente se se considera seu caráter de certa normatividade e sugestão

de novas formas de se compreender a língua portuguesa no mundo globalizado. Se as proposições do PAB giravam em torno de promover a língua nos órgãos internacionais e de representação política e econômica, é uma consequência natural considerá-la dentro desses domínios. Porém, não podemos deixar de destacar o quanto esses domínios são, no plano linguístico, artificiais, uma vez que não há pesquisadores a considerar a língua nesses termos.

Em relação à segunda realidade, a sigla PLE foi a responsável por popularizar no Brasil, em fins dos anos sessenta, esta particularidade de observação sobre a língua, permanecendo até praticamente o século XXI sem sofrer alterações significativas. Era, ainda, a “expressão de referência da área no Brasil, inclusive em agências financiadoras de pesquisa” (MEYER, 2009, p. 15), responsável ainda por nomear, por exemplo, a SIPLE<sup>20</sup>, a APLE-RJ<sup>21</sup>, a AMPPLIE-MG<sup>22</sup> e a APPLE-PE<sup>23</sup>, dentre outras tantas associações e iniciativas no Brasil e no mundo.

Em relação à terceira dimensão, tem ganhado destaque nos últimos anos a feitura de certo contraponto teórico-

---

20 Disponível em: <https://assiple.org/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

21 Disponível em: <http://www.aplerj.educacao.ws/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

22 Disponível em: <http://ampplie.com.br/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

23 Disponível em: <https://apple-pe.org/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

prático e metodológico que colocaria em dois lados opostos o Português como Língua Materna e o Português como Língua Não Materna, também numa tentativa teórica de desvincular os estudos da área da linguística e/ou da linguística aplicada e situá-los no plano da língua portuguesa (SILVA *et al*, 2018; RIBEIRO, 2016; 2014; 2013).

Ressaltamos, por fim, que no decorrer do documento – como é de se esperar – há incontáveis outras referências à língua, sem que sejam, porém, referências que a nomeiem.

Em relação ao PALis, a principal novidade advém do fato de haver, pela primeira vez, a nomenclatura de português língua internacional<sup>24</sup>

estas características e circunstâncias contribuem para tornar a língua portuguesa atrativa para falantes de outros idiomas, que a estudam e adquirem como língua segunda ou língua estrangeira. Daí resulta considerável incremento para o seu papel como língua internacional. (CPLP, 2014, p. 3)

O termo trata, basicamente, do princípio de que a língua tem um caráter de projeção internacional, que pode ser percebido em todo o globo<sup>25</sup>. Atualmente, a vida do mundo

---

24 Aqui, não se confunda “pensar a língua como sendo internacional” com “nomear a língua como sendo internacional”. No PAB já se pensava a língua assim, embora não houvesse a defesa de uma nomenclatura própria de “português língua internacional”.

25 Embora nem todos os autores utilizem tal nomenclatura, um tanto mais, um tanto menos, todos percebem o mesmo fenômeno de internacionalização da língua portuguesa.

globalizado faz com que se tenha a necessidade de interagir em língua estrangeira em diferentes situações. Mais do que antes, a interação oral ganha destaque e importância (cf. RICHARDS e RODGERS, 2003; BRYDON, 2011), muito por conta das atuais demandas da vida em uma sociedade globalizada, internacionalizada. As necessidades de comunicação oral (e não apenas leitura e escrita) foram se ampliando paulatinamente. Demandava-se o desenvolvimento de competências de uso da linguagem que pudessem dar conta das demandas de comunicação internacional para interação em situações de negócios, viagens, estudo, trabalho e família, dentre outros. Das motivações expostas, decorria, precisamente, um dos pontos de atenção do PAB: “I – Estratégias de implantação da língua portuguesa nas organizações internacionais” (CPLP, 2010, p. 1). É, ainda, a necessidade de uso da língua para acesso aos bens culturais, religiosos, científicos e do conhecimento/produção humana em geral.

É no contexto descrito acima que surge a nomenclatura de português língua internacional, sempre motivado pela língua inglesa – na realidade, pelo “mito do inglês como língua internacional” (JORDÃO, 2014, p. 20), uma construção de pouco mais de meados do século passado que atribui à

língua inglesa, por intermédio dos Estados Unidos, a condição de líder da comunicação internacional.

Perceba-se que a discussão não trata sobre aquilo que se convencionou chamar de imperialismo, americanismo ou algo do tipo. Reconhece-se aqui a proeminência da língua inglesa atualmente como língua de cultura, de ciência, de comunicação, negócios e outros campos mais. É a língua mais estudada do mundo e os Estados Unidos, ainda hoje, o país mais influente<sup>26</sup>.

É indiscutível, portanto, a influência da língua inglesa. O que poderia ser discutido é o quanto, por exemplo, essa influência tem poder de impactar nas outras línguas, ou as condições que permitiram que o inglês ocupasse o papel que atualmente ocupa no cenário mundial. Discussões que, independentemente dos resultados, não alteram o princípio básico da importância atual da língua inglesa.

Uma importância que, em analogia, foi dada à língua portuguesa pelos PA, ainda que possa ser dita como abismal a diferença de capital simbólico entre as duas línguas. Nos últimos anos, a língua portuguesa alcançou patamares de importância, influência e estudo sem precedentes na

---

26 Ainda que outras iniciativas e tentativas queiram fazer-lhe frente, como a Russa, a chinesa ou mesmo a europeia.

história recente<sup>27</sup>, ao ponto de ser chamado não apenas pelos PA, acertadamente, de “uma língua internacional” (MEYER; ALBUQUERQUE, 2015). Mercosul, ONU, UNESCO, IILP e CPLP são apenas algumas das dezenas de instâncias em que a língua portuguesa exerce seu papel internacional/global – o que não deixa de ser, lembremos, uma proposta preconizada pelo PAB. Montgomery (2013) inclui o Brasil – no contexto maior dos BRICS – como um dos países que mais têm se destacado na produção científica mundial. Gradim e Piñeiro-Naval (2019) apontam para o fato de o português ser uma língua em franca ascensão no mundo científico. Haveria, sem dúvidas, outros exemplos teóricos que poderiam ser acrescentados.

Há, ainda, alguns pontos necessários a serem destacados no PALis. O primeiro é o fato de haver uma menção à língua segunda (CPLP, 2014, p. 3; 5; 13; 18; 23). O fato de ela ser uma “língua segunda” seria um dos fatores a fazer dela uma língua internacional, como é possível ler no documento:

Estas características e circunstâncias contribuem para tornar a língua portuguesa atrativa para falantes de outros idiomas, que a estudam e adquirem como língua segunda ou língua estrangeira. Daí resulta

---

27 Frisamos a história recente uma vez que, no contexto da história geral da humanidade, em certo momento Portugal foi o país mais importante do mundo, muito por causa das grandes navegações que, críticas à parte, foram as responsáveis pelo fato de o Brasil falar português. Meyer (2015), Macário, Sá e Gomes (2015) e Oliveira (2013) falam a respeito disso.

considerável incremento para o seu papel como língua internacional. (CPLP 2014, p. 3)

O segundo é o fato de ela ser uma língua para falantes de outras línguas, o que a aproxima da já consagrada sigla PFOL (Português Para Falantes de Outras Línguas). É o que pode ser visto em diferentes pontos do documento (CPLP, 2014, p. 5; 11; 14; 23) e que, em tese, nomeia o quinto eixo do PALis.

O terceiro é a nomenclatura de língua de herança, expressa nas páginas 13, 20 e 23 (CPLP, 2014); entretanto, não há uma justificativa ou explicação para a nomenclatura, apenas uma menção dentro de uma diretriz operativa de uma ação própria dos eixos mencionados.

Passando ao PADíli, será necessário voltarmos brevemente ao primeiro PA. Ao elencar algumas das razões pelas quais a língua portuguesa deveria ser pensada em uma dinâmica de difusão e promoção internacional, dirá o PAB que

[...] ao contrário de outras línguas nacionais, faladas apenas por cidadãos de um único país, a língua portuguesa é multinacional, partilhada por cidadãos de diferentes países e está presente, de modo vivo e dinâmico, em comunidades de todo o mundo, nas quais possui diferentes estatutos. (CPLP, 2010, p. 3)

É o ponto em que, no PADíli, chegamos à nomenclatura de português língua pluricêntrica (CPLP, 2014, p. 1; 3; 7). Chama a atenção, entretanto, o fato de não haver nenhuma

explicação para o termo, mas apenas afirmações genéricas como a de que a “III Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial deu ênfase ao tema da pluricentralidade da língua portuguesa no século XXI” (CPLP, 2017, p. 1) ou a própria nomeação do primeiro eixo: “(i) Português, Língua Pluricêntrica do Século XXI” (CPLP, 2017, p. 3). Nem mesmo nas primeiras considerações sobre o documento há maiores explicações acerca do termo ou de seu uso.

O fato de a língua portuguesa estar em processo vivo e dinâmico de uso social importa, principalmente, para expressar que a língua não está atrelada a usos estanques, comunidades inertes ou isoladas; está, outrossim, em constante mudança, dinamismo natural às línguas em sociedade e em uso e, ainda mais natural, em uma língua partilhada por muitas sociedades e espaços. Foi o que motivou, por exemplo, que Reto, Machado e Esperança (2016 apud GRADIM; PIÑEIRO-NAVAL, 2019) falassem da língua como sendo policêntrica e pluricontinental, uma percepção partilhada por diversos outros autores, como Batoréo e Casadinho (2009), Batoréo (2014), Wilson (2021) e Albuquerque (2021).

Batoréo (2014), valendo-se da contribuição de outros autores, dirá que o conceito de pluricentrismo linguístico

é atualmente um fenômeno caro aos estudos linguísticos – e, naturalmente, de políticas linguísticas –, definido pelo fato de uma língua possuir variados centros de utilização e interação, com esses centros sendo de países diferentes e, por consequência, construindo normas, usos e variações diferentes uns dos outros. Nas palavras da autora,

são consideradas tipicamente pluricêntricas as línguas que apresentam diferentes variedades faladas em diversos países ou regiões distintas, com um ou mais núcleos nacionais, isto é, com uma ou mais normas nacionais próprias, substituindo este modelo uma perspectiva mais antiga que considerava as variedades mais distantes do standard tradicional e historicamente estabelecido como “desvio” da norma. (BATORÉO, 2014, p. 2)

Não se trata, por comparação, com a noção de inglês como língua franca<sup>28</sup>, porque os diferentes países que utilizam o inglês nesse contexto não o fazem como língua materna ou oficial; trata-se de uma condição específica de línguas que estão em uso sociolinguístico efetivo em localidades diferentes, à exemplo do francês no Canadá, África francófona e França, para citar um exemplo. A mesma Batoréo (2014, p. 3) dirá que

---

28 Embora ainda seja possível considerar o inglês uma língua pluricêntrica por conta da expansão marítima inglesa que fez com que a língua chegasse a outros lugares, como os EUA.

[...] uma língua pluricêntrica corresponde, em termos genéricos (e, por vezes, um tanto simplistas) ao que tradicionalmente se tem convencionado chamar de uma língua mundial/ global/ internacional e que é adoptada como oficial nos países onde não é falada como língua materna, mas aprendida como língua segunda, e que é também utilizada em organizações internacionais e nas relações diplomáticas. Por conseguinte, são consideradas como prototipicamente pluricêntricas as línguas dos antigos povos colonizadores sobretudo europeus (deixando, assim, de lado outro tipo de colonizações e dimensões geográficas), fruto da expansão de impérios coloniais, que ao longo da história levaram os seus idiomas para as terras na altura por eles desconhecidas, tal como aconteceu quer em escala mundial com o francês, inglês, castelhano, português ou neerlandês quer, numa escala menos extensa, com o italiano ou o alemão.

Como é possível perceber, trata-se, aqui, antes de tudo, de um caso de enriquecimento e complexidade da condição sociolinguística da língua portuguesa.

Essa situação, tanto sociolinguística como de promoção e difusão da língua, já havia recebido a atenção de outros pesquisadores nos últimos anos. Cite-se em especial a iniciativa do livro “Português: uma língua internacional” (MEYER; ALBUQUERQUE, 2015), aqui largamente

referenciado, em que Meyer (2015) discutia já a nova presença internacional da língua portuguesa; ou, ainda, a publicação de Ribeiro (2016), material que congrega vozes de diferentes pesquisadores ao redor do mundo; ou, por fim, a relevante obra organizada por Moita-Lopes (2013) discutindo o cenário do português no século XXI. Uma presença da língua que, em certos aspectos, já não era exatamente nova em um mundo globalizado<sup>29</sup> e com o crescente protagonismo político e econômico do Brasil<sup>30</sup>.

Por fim, chegamos ao último dos PA oficializados, o Plano de Ação de Praia (PAP), divulgado no dia 16 de julho de 2021 – portanto, bastante recente.

Em certo sentido, a escolha em relação à apresentação de nomenclaturas do PAP foi por um caminho de confirmação dos PA anteriores, priorizando a noção de “língua na condição de”, como em seu eixo 3: “O Ensino da Língua Portuguesa em contexto de mobilidade” (CPLP, 2021, p. 4). Assim, fala-se em “gestão pluricêntrica da língua portuguesa” (CPLP, 2021, p. 1), “dimensões global e pluricêntrica da língua portuguesa” (CPLP, 2021, p. 3) e sobre “o desenvolvimento de instrumentos e ações de promoção e projeção da língua portuguesa, nas

---

29 O trabalho de Silva (2011) é outro que ajuda a compreender essa espécie de trajetória da língua portuguesa a ponto de ser tida como uma língua global.

30 Não se perca de vista, naturalmente, a perene presença internacional de Portugal e o também crescente desenvolvimento dos demais países da CPLP, notadamente os africanos.

suas dimensões nacional e internacional” (CPLP, 2021, p. 3) – no que um leitor atento poderá perceber os ecos dos três primeiros PA. Há, entretanto, uma menção rápida e sem maior aprofundamento à dimensão de PLAc como uma das diretrizes do eixo 3: “Investir no ensino da língua portuguesa como língua segunda, língua estrangeira, língua de herança e **língua de acolhimento**” (CPLP, 2021, p. 5, grifo nosso). Essa é a única novidade em termos de nomenclatura – e, ressaltamos, uma novidade relevante, uma vez que a realidade do refúgio e do acolhimento são uma crise das sociedades atuais e têm reflexos em praticamente todos os âmbitos da vida cotidiana.

Apresentadas as concepções e nomenclaturas de língua encontradas nos PA – e considerando também seus contextos de publicação –, parece-nos possível afirmar que há uma relativa descontinuidade entre os documentos que, a princípio, afirmam-se como sendo uma continuidade. Há conflitos de terminologias que, da forma como estão redigidos, tornam os textos um tanto ou quanto problemáticos, como na concepção da língua como sendo de herança e de acolhimento. Naturalmente, os dois contextos são existentes e, dentro das múltiplas e incontáveis realidades da língua portuguesa pelo mundo,

podem ser encontrados. O que se coloca aqui é o quanto essa mistura de nomenclaturas não pode servir para um inevitável enfraquecimento da projeção da língua, uma vez que a divide, opõe e despersonaliza.

### **Considerações finais**

Nosso texto objetivou mostrar como que um “percurso” da compreensão da língua portuguesa expresso através de um *corpora* significativo para a lusofonia: os Planos de Ação para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa, aqui discutidos em suas quatro versões existentes: Brasília, Lisboa, Díli e Praia.

Apresentamos, para cada um dos PA, uma breve análise que enfocou as definições de língua presentes nos documentos que, essencialmente, propunham-se a discutir e traçar caminhos para a língua portuguesa no sistema mundial, como já afirmava o nome do evento que ensejou cada um dos PA. Por serem resoluções da CPLP, da qual fazem parte os países da lusofonia, e por serem aceitos e ratificados pelos Estados-membro desta entidade, tais documentos ganham *status* de oficialidade e representatividade – o que impacta, seguramente, na própria condição da língua portuguesa.

Nosso texto demonstrou que há certa inconsistência na representação de língua exposta nos diferentes PA, com

cada um deles dando uma – ou mais de uma – nomenclatura para a língua, no que pode ser visto como uma aparente descontinuidade de concepção da língua e de seus objetivos.

Pontuamos, por fim, que os PA são documentos meritórios por se proporem a considerar uma ação conjunta para o português e por serem oficializados pelos Estados-membro. Esse caráter, entretanto, não os isenta de serem criticados.

### Referências

- ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Materiais didáticos pluricêntricos e avaliação em aulas de Português Língua Estrangeira (PLE). *Revista Linguagem*, v. 39, n. 1, p. 118-132, 2021.
- BAGNO, Marcos de Araújo. Lusofonia. In: BAGNO, Marcos de Araújo. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2017.
- BATORÉO, Hanna J. Que gramática(s) temos para estudar o Português língua pluricêntrica? *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 16, dezembro, 2014.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz; CASADINHO, Margarida. O Português – uma língua pluricêntrica. O Caso de Timor-Leste: De que forma os timorenses perspectivam e avaliam uma das suas línguas oficiais falada apenas por cinco por cento da população?. *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos*, v. 13, n. 1. Braga: Universidade Católica Portuguesa de Braga, p. 63-79, 2009.
- BRITO, R. H. P. Sobre lusofonia. *Verbum*, v. 4, p. 6-19, 2013.
- BRYDON, D. Local needs, global contexts: learning New Literacies. In: MACIEL, R.; ARAUJO, V. (Orgs.). *Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola/Ipol, 2007.

- CPLP, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Plano de Ação de Brasília para a Promoção, Difusão e Projeção da Língua Portuguesa. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3d2NGuJ>. Acesso em: 29 out. 2021.
- CPLP, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Plano de Ação de Lisboa para a Promoção, Difusão e Projeção da Língua Portuguesa. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3lmerin>. Acesso em: 29 out. 2021.
- CPLP, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Plano de Ação de Díli para a Promoção, Difusão e Projeção da Língua Portuguesa. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3l7cT5x>. Acesso em: 29 out. 2021.
- CPLP, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Plano de Ação da Praia para a Promoção, Difusão e Projeção da Língua Portuguesa. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3p4KtAo>. Acesso em: 29 out. 2021.
- DINIZ, L. R. A. *Para além das fronteiras: a política linguística brasileira de promoção internacional do português*. Belo Horizonte: UFMG, 2020.
- DINIZ, L. R. A. De 'Rede Brasileira de Ensino no Exterior' a 'Rede Brasil Cultural': processos e percursos na institucionalização da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP). *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 13, p. 67-86, 2015.
- DINIZ, L. R. A. Políticas linguísticas do Estado brasileiro para a divulgação do português em países de língua oficial espanhola. *Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)*, v. 51, p. 435-458, 2012.
- ENDRUSCHAT, Annette; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. *Introdução básica à linguística do português*. Lisboa: Edições Colibri, 2015.
- GRADIM, Anabela; PIÑEIRO-NAVAL, Valeriano. Políticas para português e espanhol: a segunda língua de publicação do mundo em teia da ciência. *Informação e Sociedade*. João Pessoa, v. 29, n. 2, p. 145-160, abril/junho, 2019.
- JORDÃO, Clarissa Menezes. ILA – ILF – ILE – ILG: quem dá conta? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 13-40, 2014.
- MACÁRIO, Maria João; SÁ, Cristina Manuela; GOMES, Belinda. *Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem transversal: um estudo na formação inicial de professores*. *Revista UILPS*. Santarém,

Portugal: Politécnico de Santarém, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2UH79co>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MEYER, Rosa Marina de Brito. A nova presença internacional da língua portuguesa. In: MEYER, Rosa M. de B.; ALBUQUERQUE, Adriana. *Português: uma língua internacional*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2015.

MEYER, Rosa Marina de Brito. *Um balanço do Português como Segunda Língua para estrangeiros (PL2E) na PUC-Rio: 40 anos de ensino, 15 anos de pesquisa*. Rio de Janeiro: Deescubra, 2009.

MEYER, Rosa M. de B.; ALBUQUERQUE, Adriana. *Português: uma língua internacional*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2015.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.

MONTGOMERY, Scott L. *Does Science need a Global Language? English and the Future of Research*. Chicago: University Press, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan. M. *Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)*, v. 52, p. 409-433, 2013.

RETO, L.; MACHADO, F. L.; ESPERANÇA, J. P. *Novo Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2016.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. *Português do Brasil para Estrangeiros: políticas, formação, descrição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. *Princípios do ensino de português língua não materna em aulas de português língua materna: língua e cultura lidas de outra margem. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil)*, v. 01, p. 257-260, 2014.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. *Minha Língua, Muitas Pátrias: pesquisa e ensino de português como língua não materna em perspectiva intercultural no âmbito do NUPPLES/UERJ*. Revista Idioma, v. 25, p. 35-46, 2013.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. *Ensino de português do Brasil para estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SANTIPOLO, Matteo. *Dalla Sociolinguística alla glottodidattica*. Torino: UTET Libreria, 2002.

SILVA, Diego Barbosa da. *De flor do Lácio a língua global*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SILVA, Diego Barbosa da. *De Flor do Lácio à Língua Global: uma análise discursiva das relações de poder nas políticas linguísticas para a promoção, a difusão e a projeção do português da Comunidade dos Países de língua portuguesa (CPLP)*. 2011. 282 f. (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, J. E. N.; RIBEIRO, A. do A.; MEYER, Rosa Marina de B.; BARBOSA, Flávio de A. Português língua não materna e ensino: múltiplos olhares. *In: COELHO, Fábio André Cardoso; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento*. (Org.). *Ensino de língua portuguesa: teorias e práticas* - Volume I. Rio de Janeiro: Gamma, 2018.

WILSON, Francelino. *Português, língua pluricêntrica: integração de variedades no ensino*. Revista Internacional em Língua Portuguesa, n. 39, p. 17-31, 2021.

### **Jefferson Evaristo**

Pós-doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Doutor em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020; Doutor em Letras Neolatinas – Língua Italiana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

Líder do GEPLI - Grupo de Estudos em português Língua Internacional. Membro do NUPPLES - Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua.

E-mail: [jefferson.evaristo@uerj.br](mailto:jefferson.evaristo@uerj.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7711892450310178>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7561-5400>